



GH: o feminino como mediação hermenêutica do gênero humano

GH: feminine as hermeneutical mediation of humankind

MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER ^a

Resumo^b

Este artigo examina uma obra de Clarice Lispector, o romance *A Paixão segundo GH*. A análise pretende ser feita desde o ponto de vista do feminino como hermenêutica do itinerário realizado pela protagonista da obra. Fazemos essa análise levando em conta as etapas marcadas pela presença do feminino, desde a teologia como perspectiva. Identificamos o caminho da personagem clariceana como kenótico e místico.

Palavras-chave: Mística. Kenosis. Clarice Lispector. Teopoética. Gênero. Feminino.

Abstract

this article examines a book written by Clarice Lispector, the novel, The Passion according to GH. The analysis intends to be done from the point of view of the feminine as hermeneutics of the itinerary realized by the work's protagonist. We do this analysis taking into account the steps marked by the presence of the feminine, but from theology

^a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutora em Teologia Sistemática, e-mail: agape@puc-rio.br

^b Neste texto o leitor encontrará provavelmente trechos que constam em outros dois textos meus previamente escritos. São eles: Iniciação e paixão: a tensão dialética entre Eros e Ágape em dois romances de Clarice Lispector. *In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). Mística e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 173-201; Via Crucis e gozo pascal (o corpo em três romances de Clarice Lispector). *In: DE MORI, Geraldo; BUARQUE, Virginia. (Org.). Escritas do crer no corpo em obras de língua portuguesa*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 105-122. Tentamos lê-lo aqui com a perspectiva de uma hermenêutica do feminino.

as perspective. We identify the journey of the character of Lispector as kenotical and mystical.

Keywords: *Mysticic. Kenosis. Clarice Lispector. Theopoetics. Gender. Feminine.*

Introdução

Clarice Lispector é uma das grandes escritoras brasileiras. Nascida na Ucrânia em 1920, de uma família judia russa, migrou e chegou ao Brasil em 1922. Considerava-se plenamente brasileira e aqui viveu até sua morte em 1977. Sua obra retrata cenas cotidianas que levam ao fundo complexas e profundas tramas psicológicas e espirituais. Escreveu romances, contos, crônicas, entrevistas e peças literárias infantis. Além dessa vasta obra literária, deixou dois filhos.

No centenário de Clarice Lispector, parece-nos justo e necessário revisitar uma de suas mais importantes obras, o romance *A Paixão segundo GH*¹. Poucos romances têm sido tão estudados como este de Clarice. Seria impossível fazer aqui, no espaço deste artigo, uma resenha exaustiva dos inúmeros comentários que mereceu por parte da crítica e dos estudiosos de literatura e mesmo de outras disciplinas, não só no Brasil como em vários países do mundo².

Nossa intenção aqui é ver como o itinerário da personagem central que dá título ao livro realiza um itinerário existencial que vai desde o conforto fácil de sua vida acomodada e burguesa até uma experiência de descida kenótica ao coração do mundo e da matéria. Nessa descida, GH experimenta a descoberta de sua identidade e igualmente a transcendência que desde o início da obra é invocada sem resposta e que finalmente se faz consciência de presença.

Nesse percurso apontamos como o feminino vai marcando os passos e etapas que a protagonista vai vivendo. Em primeiro lugar vemos como o fato de ser mulher impacta naquilo que GH é, em sua vida, seu pensar, seu sentir,

¹ Citamos aqui a edição digital *A Paixão segundo* de 1964.

² Citamos apenas alguns desses estudos, pela especial importância que tem: NUNES, 1988; NUNES, 1969; PESSANHA, 1989.

suas frustrações e seus desejos. Em seguida veremos como o primeiro passo por ela dado em direção à epifania que para ela finalmente se desvelará acontece pela mão e condução de outra mulher: sua empregada, Janair, a cujo quarto GH se dirige para reinstaurar a ordem que acreditava estar desfeita. Em seguida veremos como no humilde quarto da empregada, GH se encontrará com outro feminino, o de uma fêmea, animal de um inseto: uma barata. Aí então se dará a experiência existencial profunda, o encontro consigo mesma e com o Outro inefável e inominável que jogará uma nova luz sobre sua existência.

Nossa intenção é demonstrar como o feminino — sob distintas formas — é o grande hermeneuta que ajudará GH a interpretar sua pessoa e sua história e a conduzirá por seu itinerário kenótico de encontro com a epifania que a aguarda.

GH: a mulher sem paixão

A Paixão segundo G. H., romance de 1964 de Clarice Lispector, é uma obra inquietante, angustiante e, ao mesmo tempo, intrigante. Nesse romance, Clarice Lispector consegue transmitir ao leitor as preocupações de ordem emocional da personagem G. H., uma mulher bem-sucedida profissionalmente, de vida confortável e abastada, mas que não conhece a sua própria identidade e, por isso, vai em busca do conhecimento interior.

É através de um universo aberto pela autora e entretido de questionamentos e reflexões que o leitor toma contato com a atmosfera de instabilidade emocional em que G. H. — que aparentemente tem uma vida resolvida e estável — se encontra, nela mergulhando conforme apresenta a narradora no início da narrativa: “[...] *estou procurando. Estou tentando entender*” (LISPECTOR, 1964, p. 78; 11).

Neste livro também a autora faz uma nota prévia de alerta a seus possíveis leitores: “Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente — atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A

mim, por exemplo, o personagem G. H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria”. Assim também coloca uma epígrafe — não três — de uma frase de Bernard Berenson³ : “A complete life may be one ending in so full identification with the nonself that there is no self to die”⁴.

Considerado por muitos o grande livro de Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.* tem um enredo banal. Depois de despedir a empregada, uma mulher vai fazer uma faxina no quarto de serviço. Mal começa a limpeza, depara com uma barata. Tomada pelo nojo, ela esmaga o inseto contra a porta de um armário. Depois, numa espécie bárbara de ascese, decide provar da barata morta. Ao esmagar a barata, e depois degustar seu interior branco, operou-se em G. H. uma revelação. O inseto a apanhou em meio a sua rotina “civilizada”, entre os filhos, afazeres domésticos e contas a pagar, e a lançou para fora do humano, deixando-a na borda do coração selvagem da vida (CASTELLO, 2010).

Assim introduz um dos comentadores de Clarice sua importante obra “*A paixão segundo GH*”.

Tal obra nos interessa aqui porque — segundo o mesmo José Castello — encontra-se na narrativa de Clarice aí nesta obra uma experiência que abre passagem para a reflexão sobre o mistério e a mística ou experiência de Deus.

Mesmo sem ser um livro de inspiração religiosa, *G. H.* tem, ainda, um aspecto epifânico. Ao degustar a pasta branca que escorre da barata morta, a protagonista comunga com o real e ali o divino — a força impessoal que nos move — se manifesta. E só depois desse ato, que desarruma toda a visão civilizada, G. H. pode enfim se reconstruir (CASTELLO, 2010).

GH, a mulher sem paixão, vai se defrontar com o *pathos*, com a paixão, a partir da viagem kenótica que faz ao coração da matéria, ao submundo das entranhas de um inseto, ao caos primitivo antes que ele seja pelo Criador resignificado em cosmos. O romance de Clarice falará de um *pathos* instituinte, de um ser humano que padece sem nada poder fazer por sua própria iniciativa para tal, a revelação da transcendência a partir de uma experiência que foge a toda “normalidade”: a aparentemente abjeta “comunhão” com as entranhas de uma barata morta.

³ Pseudônimo de Bernhard Valvrojenski (1865-1959) estadunidense historiador de arte, especializado em estudos renascentistas.

⁴ Uma vida completa pode ser aquela que termina em uma identificação tão plena com o não ser que não há eu (self) para morrer.

O próprio título da obra já previne: “Paixão segundo G. H.” já remete à Paixão de Cristo, que é narrada pelos quatro evangelistas. Paixão segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. Aqui é Paixão de G. H. — e segundo G. H. — narrada pelo testemunho da própria pessoa que viveu aquela experiência. G. H. pode ser interpretada, em suas iniciais, como gênero humano (OLIVEIRA, 2010, p. 56). A parte desse fato constatável na leitura primeira — as iniciais G. H. da protagonista são as mesmas de gênero humano — trata-se aqui da paixão do humano, dilacerado entre a banalidade do cotidiano e o desejo da Transcendência e do Conhecimento. Estamos às voltas com um ser finito que busca o infinito e no momento inicial da narrativa está perdido. Está procurando, procurando, sem entender (LISPECTOR, 1964, p. 11). Mas estamos às voltas, igualmente — e isso não é trivial — com uma mulher.

A mulher burguesa que é GH se sente como num deserto, sem organização ou ordem que lhe dê harmonia, sem mão para segurar que lhe dê alegria. “Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão” (LISPECTOR, 1964, p. 18). Segurar a mão de alguém — expressão à qual Clarice volta uma e mais vezes ao longo do texto — será para ela a única fonte de segurança e alegria neste momento vital em que se dirige de sua sala para o quarto da empregada. E antes de entrar propriamente no quarto, suplica — a quem? “Dá-me a tua mão desconhecida, que a vida está me doendo, e não sei como falar — a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada, minha irrealidade e minha imaginação são mais pesadas” (LISPECTOR, 1964, p. 22).

Qual seria essa mão desconhecida a que se refere a escritora? O olhar da teologia, que é o nosso, sente-se tentado a dizer: Deus. Porém, conscientes de que Deus raramente se revela imediatamente, mas recorre a mediações para que interpretada possa ser sua revelação e presença, vemos que surge em cena outra mulher, que vive na mesma casa que G. H., ocupando um pequeno quarto aos fundos e que naquele dia está ausente. Seria a próxima mediação que G. H. encontraria na sua trajetória em busca de si mesma e do sentido. Indo àquele quarto, G. H. está descendo ao encontro da vida.

“Outra” mulher: a empregada

A saída de GH da sala para o quarto da empregada na verdade é uma descida, uma descida kenótica. É ir para baixo, para os fundos, para a margem, para o lugar onde estão os oprimidos, os deserdados da sociedade, os excluídos das benesses do progresso. Para ali G. H. se dirige, em busca da mão que tome a sua, em busca do sentido para sua vida, em busca da paixão que a fará sentir-se viva e a fará reaprender a dar nome às coisas, inclusive a seus sentimentos.

Ao entrar no humilde quartinho da empregada, — que tinha um nome tão humilde como seu quarto e sua condição, Janair — percebe que entra em outro mundo. E ao fazer a releitura da experiência, constata: “Ontem de manhã quando saí da sala para o quarto da empregada — nada me fazia supor que eu estava a um passo da descoberta de um império” (LISPECTOR, 1964, p. 14). A solenidade de G. H. enquanto se move pelo espaço de sua casa estéril e injusta cria um clima no qual o leitor se prepara para o que virá: a epifânica revelação de um absoluto no mais baixo dos relativos.

Ao entrar no quarto — onde esperava encontrar escuridão, desordem, sujeira, mofo — G. H. depara-se com algo totalmente inesperado: reinam uma ordem e uma claridade absolutas. O quarto, embora de fundos, não é sem horizonte, mas ao contrário, parece um minarete do qual se contempla o horizonte que vai mais além dele e da própria casa: “O quarto parecia estar em nível incomparavelmente acima do próprio apartamento. Como um minarete. Começara então a minha primeira impressão de minarete, solto acima de uma extensão ilimitada” (LISPECTOR, 1964, p. 25).

Ao mesmo tempo, o quarto da empregada de nome humilde e traços visuais de rainha (LISPECTOR, 1964, p. 27) apresenta um aspecto marcado pela total diferença com o resto da habitação de G. H. :

O quarto divergia tanto do resto do apartamento que para entrar nele era como se eu antes tivesse saído de minha casa e batido a porta. O quarto era o oposto do que eu criara em minha casa, o oposto da suave beleza que resultara de meu talento de arrumar, de meu talento de viver, o oposto de minha ironia serena, de minha doce e isenta ironia: era uma violentação das minhas aspas, das aspas que faziam de mim uma citação de mim. O quarto era o retrato de um estômago vazio (LISPECTOR, 1964, p. 28).

G. H. saíra do mundo possível e entrara no mundo não organizado, inóspito, desértico (OLIVEIRA, 2010). Fizera uma viagem do luxo ao caos. Da abundância à fome. A metáfora do estomago vazio falava eloquentemente da situação de Janair, sua empregada, que trabalhava para levar o pão de cada dia a sua casa e família.

Não cremos ser um “abuso” proveniente da nossa área de competência — a teologia — classificar a viagem de G. H. como mística. Ou até mesmo — ousaria mais — como crística. Pois crístico não é o movimento que faz o Filho de Deus ao não se aferrar a suas prerrogativas e a esvaziar-se, despojar-se, humilhar-se (*ekénosen*), obediente até a morte, e morte de cruz? (Fil 2, 5-11). E místico não é o movimento bilateral que faz a divindade unir-se à humanidade e vir resgatá-la a partir da lama do pecado onde se encontra mergulhada, cristificando-a e unindo-a a Si mesmo no Espírito Santo, que habita em nós, em *kenosis* amorosa, podendo ser abafado, contristado e mesmo extinto, como afirma Paulo? ⁵

GH, ao “descer” da sala de seu apartamento impecavelmente arrumado para ordenar a desordem que supunha encontrar no quarto da empregada percebe que o caos lá não reina. Antes em seu interior sim, necessita ordenar um caos primigênio que não logra entender. Para que isso aconteça, deverá dar mais um novo e decisivo passo: encontrar dentro do quarto até onde desceu uma outra fêmea, outra representante do feminino, que a conduzirá até a experiência definitiva.

A fêmea e o coração da matéria

Com Benedito Nunes ⁶ afirmamos que o itinerário de G. H. é místico. E é místico porque ascético e purificador, enquanto prepara o alargamento do eu que se segue à sua morte pelo sacrifício ascético de mergulhar no coração da

⁵ Cf. Ef 4, 30: “Não contristeis o Espírito”; 1 Tessalonicenses 5, 19: “Não extingais o Espírito”.

⁶ “O itinerário místico de G. H.: “Levada em êxtase a conhecer a nudez e o aniquilamento, G. H. bebe desse cálice a que se referiu o místico espanhol, (João da Cruz)... A alma esvazia-se de tudo quanto a separa do ser indiviso, verdadeira identidade a que se sente integrada e que não mais lhe pertence” (NUNES, 1989, p. 58-76, esp. p. 63-64)

matéria. Toca os extremos da condição humana, quais sejam: a vida e a morte. “A descida na direção dessa existência impessoal produz-se como verdadeira ascese: a personagem desprende-se do mundo e experimenta, após gradual redução dos sentimentos, das representações e da vontade, a perda do eu” (NUNES, 1989, p. 63).

Clarice descreve a entrada de G. H. no quarto da empregada como um cerebral planejamento de ordem e arrumação: ela passa os dedos no colchão, avalia uma reforma no armário, pensa na empregada com irritação. E ao abrir o armário, acontece outro encontro:

De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado, O grito ficara me batendo dentro do peito (LISPECTOR, 1964, p. 31).

G. H. é uma mulher e como tal, tem nojo de baratas. Adivinha que é uma barata velha, pois se mexia lentamente. Mas o que mais a assusta não é isso. A presença da barata começa a tomar o peso de uma epifania. “*Só que ter descoberto súbita vida na nudez do quarto me assustara como se eu descobrisse que o quarto morto era na verdade potente. Tudo ali havia secado — mas restara uma barata*” (LISPECTOR, 1964, p. 31).

A esta altura de nossa reflexão, poderíamos perguntar-nos se existe lugar para Eros, impulso vital e estimulador da vida, com a experiência que G. H. vai realizar e que será definitiva em seu itinerário: a experiência tão asquerosa e nauseabunda de ter um encontro com um inseto. E não só: a descrição que segue nos mostra a personagem de Clarice a morder com os próprios dentes, a própria boca, a substância branca, pegajosa, úmida, de uma barata, de um inseto já em si mesmo repugnante aos sentidos humanos. Não seria a experiência de G. H. mera pulsão tanática, de morte, onde haveria apenas espaço para o amor enquanto ascese renunciante e mortificada, mais afim com uma mentalidade tradicional e dolorista?

Parece-nos que não. Senão, bastaria dar ouvidos e olhos à própria G. H., quando narra como a visão da barata remove sua sensibilidade inteira, da cabeça aos pés. “*Vista de perto, a barata é um objeto de grande luxo. Uma noiva de pretas joias. É toda rara, parece um único exemplar. Prendendo-a pelo meio*

do corpo com a porta do armário, eu isolara o único exemplar” (LISPECTOR, 1964, p. 48) E mais: G. H. descobre olhando a cara da barata enquanto viva, a identidade de sua vida mais profunda⁷. A barata seduz literalmente G. H.: “A barata é pura sedução. Cílios, cílios pestanejando que chamam” (LISPECTOR, 1964, p. 41; 62).

A presença de Eros se dá atraindo G. H., mulher refinada e acostumada ao conforto e ao luxo para o ponto mais baixo da vida: a substância, a “carne” de uma barata, coração da matéria, presença do caos em seu falsamente ordenado mundo. Por isso a barata a atrai e ela a compara luxuosamente a “uma noiva de pretas joias, toda rara...” E sente que ela é “ pura sedução”.

E essa atração se explica quando a protagonista explicita que a barata passou a constituir sua única passagem possível para a vida transfigurada e nova: “A entrada para este quarto só tinha uma passagem, e estreita: pela barata” (LISPECTOR, 1964, p. 44). E este quarto é vital na sua experiência pois é o topos que, facilitando-lhe o êxodo de seu “lugar” habitual, desprovido de sentido e significado, a leva a outro lugar que a fascina: o nada: “Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido” (LISPECTOR, 1964, p. 42).

Vivo e úmido como a placenta que envolve o feto em gestação e parturição. Vivo e úmido como os humores em meio aos quais é fecundada a vida. Lugar de novo nascimento de G. H., o quarto tinha uma atmosfera viva e úmida, não mais seca ou estéril como era o resto de sua casa, de seu mundo, de si própria. As entranhas férteis da barata serão sua via de nascimento e comunhão.

Tudo, porém não acabou ali. Não bastava entrar no quarto, contemplar a barata, olhar em sua cara, sentir a vida que jorrava de sua “umidade” branca. Havia agora que contemplar e sentir a proximidade da massa branca que saía da barata e convidava... a que? À vontade de gritar diante daquilo que jorrava diante de seus olhos, G. H. sente com mais força e vigor que ali está sua chance, sua oportunidade, sua possibilidade única de entrar na vida verdadeira, no mundo tal como ele é e ela o deseja. E ela apela à mão que a sustenta: “É que,

⁷ Cf. p. 57: “eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda”. “ Ou p. 63: “O neutro era a minha raiz mais profunda e mais viva - eu olhei a barata e sabia.”

mão que me sustenta, é que eu, numa experiência que não quero nunca mais, numa experiência pela qual peço perdão a mim mesma, eu estava saindo do meu mundo e entrando no mundo” (LISPECTOR, 1964, p. 43).

G. H. está sendo literalmente parida. Entrando no mundo = não é esta a denominação que se dá ao parto? Dar à luz, nascer, entrar na vida e no mundo, com o ar invadindo os pulmões, sair da placenta ao ar puro e à convivência com as pessoas que não estão no útero, que não são o útero. Novo nascimento, a experiência de todos os místicos de todas as religiões, o ritual que acontece naquele momento no quarto da empregada Janair, parteira invisível e ausente, vai lançar G. H. em vida nova. Mas enquanto o processo vai se dando, sente-se mergulhada em escombros de uma civilização da qual tem que emergir, sem licença e sem permissão. Ela não é um cientista nem um padre, mas “uma mulher que nem sequer tem as garantias de um título” (LISPECTOR, 1964, p. 43).

A experiência mística de G. H., como a de todo ser humano, a faz vibrar de desejo de encontrar e experimentar o amor. E o amor vai se revelando a G. H. não sem grande dificuldade. Ela percebe que ainda não aceita totalmente ser desconstruída, sentir que morre seu eu, a fim de nascer de novo e novamente entrar em “outra” vida. Ainda tenta organizar o caos, organizar a esperança, organizar, ordenar... por medo.

Por medo já estou organizando, vê como ainda não consigo mexer nesses elementos primários do laboratório sem logo querer organizar a esperança. É que por enquanto a metamorfose de mim em mim mesma não faz nenhum sentido. É uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu - só tenho o que sou. E agora o que sou? Sou: estar de pé diante de um susto. Sou: o que vi (LISPECTOR, 1964, p. 45).

E o que vê é que o amor que busca e que deseja é a matéria viva. E que não pode a ele aceder sem passar, sem comungar com esta matéria viva: “[...] que abismo entre a palavra amor e o amor que não tem sequer sentido humano — porque — porque amor é a matéria viva” (LISPECTOR, 1964, p. 45). E para receber permissão de caminhar até esse amor, precisa tocar e aproximar-se daquilo que é “imundo”, proibido. E transgredir . E “pecar”, diríamos nós. “Eu fizera o ato proibido de tocar no que é imundo” (LISPECTOR, 1964, p. 49).

G. H. tocara no imundo. Como, na plenitude dos tempos, aquele que não conheceu o pecado, Deus o fizera pecado para salvar a todos (2Cor 5,21). O mergulho kenótico a atrai e a aterroriza. Tocar no imundo e ficar impura como ele. Por que não?

Abri a boca espantada: era para pedir um socorro. Por quê? Por que não queria eu me tornar imunda quanto a barata? Que ideal me prendia ao sentimento de uma ideia? Por que não me tornaria eu imunda, exatamente como eu toda me descobria? O que temia eu? Ficar imunda de quê? Ficar imunda de alegria (LISPECTOR, 1964, p. 50).

O que G.H. começa a sentir já é alegria. Alegria agápica misturada ao horror da imundície, do pecado e do caos. Alegria primordial e gratuita, que dela não depende, mas de “outro”, daquela mão que sustenta e toca a sua, daquela mão na qual confia e com a qual dialoga e à qual suplica: “Ah, não retires de mim a tua mão” (LISPECTOR, 1964, p. 50).

G. H. contempla a barata. E a vê. Ou melhor, por ela é vista. E esse olhar era doador de vida e existência:

se seus olhos não me viam, a existência dela me existia — no mundo primário onde eu entrara, os seres existem os outros como modo de se verem. E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significa ver. A barata não me via diretamente, ela estava comigo (LISPECTOR, 1964, p. 52).

Estar comigo, conviver comigo. Comer o outro, possuir o outro. É todo um vocabulário de comunhão que se inaugura na existência de G. H.

Além de ver, G. H. começa a colocar em movimento o tato, ou seja, a abrir seu interior para poder ser tocada pela barata, pela presença da barata. E percebe como ao longo de toda a sua vida fugiu do toque da verdade, do amor, daquilo que constitui a vida mesma:

A barata me tocava toda com seu olhar negro, facetado, brilhante e neutro. E agora eu começava a deixá-la me tocar. Na verdade, eu havia lutado a vida toda contra o profundo desejo de me deixar ser tocada... Mas agora eu não queria mais lutar contra... Com nojo, com desespero, com coragem, eu cedia. Ficara tarde demais, e agora eu queria (LISPECTOR, 1964, p. 60).

A comunhão e o resgate da esterilidade

Por trás da ânsia de vida e comunhão de G. H. há uma gravidez malquerida e um aborto. Não é à toa que os olhos da barata que a veem e a tocam são por ela comparados a “dois ovários neutros e férteis” que a remetem aos seus, também neutros e férteis e tornados infecundos (LISPECTOR, 1964, p. 61). E a confissão da morte do embrião se alia ao esmagamento da barata quando G. H. diz, em profunda desolação e desamparo: “Mãe: matei uma vida, e não há braços que me recebam agora e na hora do nosso deserto, amém” (LISPECTOR, 1964, p. 63). A evocação da maternidade perdida faz G. H. voltar-se para o chamado da Mãe, que ela suplica gemendo: Mãe, Mãe. “Como se ter dito a palavra “mãe” tivesse libertado em mim mesma uma parte grossa e branca — a vibração intensa do oratório de súbito parou, e o minarete emudeceu” (LISPECTOR, 1964, p. 64).

G. H. sente sua esterilidade diante da fertilidade da barata como infernal. A barata se perpetuará pois tem em si o germe da permanência. Porque teve filhos. Mas G. H. teme a morte, porque na sua esterilidade consentida até então, sabe que morrer é acabar, que não há posteridade nem permanência. É disso que a fertilidade da barata a acusa. Aquela barata tivera filhos e eu não: a barata podia morrer esmagada, mas eu estava condenada a nunca morrer, pois se eu morresse uma só vez que fosse, eu morreria. E eu queria não morrer mas ficar perpetuamente morrendo como gozo de dor supremo” (LISPECTOR, 1964, p. 83).

E G. H. confusamente solta a mão que a sustentava até ali (LISPECTOR, 1964, p. 84) para continuar sozinha o percurso em direção ao Deus que a chama e que dela quer algo que ela sente não poder dar.

Eu estava em pleno seio de uma indiferença que é quieta e alerta. E no seio de um indiferente amor, de um indiferente sono acordado, de uma dor indiferente. De um Deus que, se eu amava, não compreendia o que Ele queria de mim. Sei, Ele queria que eu fosse o seu igual, e que a Ele me igualasse por um amor de que eu não era capaz (LISPECTOR, 1964, p. 83).

G. H. percebe-se no seio de uma provação que Deus lhe envia para purificá-la. E ao tomar disso consciência, em lágrimas, sente que o Deus vem a ela.

E no soluço o Deus veio a mim, o Deus me ocupava toda agora. Eu oferecia o meu inferno a Deus. O primeiro soluço fizera - de meu terrível prazer e de minha festa - uma dor nova: que era agora tão leve e desamparada como a flor de meu próprio deserto. As lágrimas que agora escorriam eram como por um amor. O Deus, que nunca podia ser entendido por mim senão como eu O entendi: me quebrando assim como uma flor que ao nascer mal suporta se erguer e parece quebrar-se (LISPECTOR, 1964, p. 89).

G. H. percebe então que o inferno, a tentação suprema não é o sexo ou qualquer outra matéria que pode ser transgressora. Mas o amor.

O inferno pelo qual eu passara - como te dizer? - fora o inferno que vem do amor. Ah, as pessoas põem a ideia de pecado em sexo. Mas como é inocente e infantil esse pecado. O inferno mesmo é o do amor. Amor é a experiência de um perigo de pecado maior - é a experiência da lama e da degradação e da alegria pior. Sexo é o susto de uma criança. Mas como falarei para mim mesma do amor que eu agora sabia? (LISPECTOR, 1964, p. 91).

Agora sabe. À diferença de Franz Kafka, em seu famoso livro “Metamorfose”, quando se experimenta transformado em barata, G. H. continua humana. A barata tem sido sua pedagoga para saber desse amor que antes não sabia e agora sabe. Amor que não é simples, mas que carrega em si ao mesmo tempo o diálogo com Deus e uma aterrorizante “descida aos infernos”. E – nos perguntamos – não estaria aí um novo elemento crístico que pede para ser mais ricamente explorado pela teologia? Trata-se de uma experiência que os místicos conhecem bem: a descida aos infernos que o Crucificado realizou para consumir sua entrega salvífica (VON BALTHASAR, 1980).

E G. H. percebe que nesta descida aos infernos e esta entrada no coração do nada, do neutro, não estava diante do demônio, mas de Deus. Deus que responde a suas perguntas com outras perguntas. “O que És? e a resposta é: És. O que existes? e a resposta é: o que existes. Eu tinha a capacidade da pergunta, mas não a de ouvir a resposta” (LISPECTOR, 1964, p. 92). E ao olhar do teólogo é impossível de aí não ver a judeidade de Clarice emergindo com

força; é impossível não sentir uma proximidade perigosa e estonteante entre a fala de G. H. e a de Moisés diante da sarça ardente, em Ex 3, 1 ss. É impossível não pensar em Rudolf Otto, quando descreve a experiência do Sagrado e do Santo — de Deus enfim — como experiência do numinoso, ou seja, do mistério inexpugnável que é *tremendum et fascinans*, ou seja, que causa medo e ao mesmo tempo seduz⁸.

Na verdade G. H. começara pela resposta sem haver sofrido a pergunta. E se embrenhara por uma floresta de respostas parciais que foram incapazes de levá-la à pergunta, à questão primordial. “Então eu me havia perdido num labirinto de perguntas, e fazia perguntas a esmo, esperando que uma delas ocasionalmente correspondesse à da resposta, e então eu pudesse entender a resposta” (LISPECTOR, 1964, p. 92). Agora a resposta — e a pergunta — tremem e vibram à sua frente, convidando a dar o passo que a separa da matéria, da coisa, do mistério enfim. “Tremo de medo e adoração pelo que existe” (LISPECTOR, 1964, p. 94).

Porém agora, apesar do medo, não há como recuar. “Mas agora era tarde demais. Eu teria que ser maior que meu medo, e teria que ver de que fora feita a minha humanização anterior” (LISPECTOR, 1964, p. 97). G. H. percebe que teria que dar adeus à beleza, que antes lhe fora um engodo suave. Terá que aceitar que “agora meu mundo é o da coisa que eu antes chamaria de feia ou monótona — e que já não me é feia nem monótona” É um mundo “cru, é um mundo de uma grande dificuldade vital” (LISPECTOR, 1964, p. 106). G. H. vai aceitando a consumação de seu despojamento, de sua purificação, que a aproximam do passo final da comunhão.

Em descida apofática também recusa sua antiga forma de falar com Deus, catafática. Atira-se vertiginosamente para o mundo apofático da não linguagem, da não palavra, quando falar com Deus é exercício mudo⁹. Ela

⁸ Cf. Otto (1980).

⁹ Lispector, 1964, p. 108: “Ah, falar comigo e contigo está sendo mudo. Falar com o Deus é o que de mais mudo existe. Falar com as coisas, é mudo. Eu sei que isso te soa triste, e a mim também, pois ainda estou viciada pelo condimento da palavra. E é por isso que a mudez está me doendo como uma destituição.

Mas eu sei que devo me destituir: o contato com a coisa tem que ser um murmúrio, e para falar com o Deus devo juntar sílabas desconexas. Minha carência vinha de que eu perdera

percebe que enquanto estivesse estagnada no nojo — nojo da pobreza, nojo da feiura, nojo da caridade (beijar o leproso) — o mundo lhe escaparia e ela mesma se escaparia de si mesma (LISPECTOR, 1964, p. 110). Para G. H. chegara o momento de não transcender mais, de encontrar a redenção na própria coisa. “E a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata” (LISPECTOR, 1964, p. 113).

Aí vai acontecer a páscoa de G. H. Seu processo kenótico fechará seu círculo. A descida despojante, humilhante, obediente, será consumada. Sem concessões ou reduções. Pois aquilo era a graça, era o amor, era — em suas palavras — o anti-pecado¹⁰. “Ao preço de atravessar uma sensação de morte” (LISPECTOR, 1964, p. 111). É o que a faz sentir-se próxima e ao mesmo tempo distante dos santos que beijam leprosos e tocam em feridas, embora lhe faltasse a humildade destes. Em pleno nojo, náusea, vômito do gesto feito, emerge a consciência de estar no epicentro da santidade, do milagre. “A fé — é saber que se pode ir e comer o milagre. A fome, esta é que é em si mesma a fé — e ter necessidade é a minha garantia de que sempre me será dado. A necessidade é o meu guia” (LISPECTOR, 1964, p. 114).

A G. H. foram abertas as portas não talvez da felicidade, mas da alegria. “O que estou sentindo agora é uma alegria. Alegria vital. Através da barata viva estou entendendo que também eu sou o que é vivo. Ser vivo é um estágio muito alto, é alguma coisa que só agora alcancei” (LISPECTOR, 1964, p. 115). G. H. abraçou o nada e agora caminha para a despersonalização, ávida pelo mundo, para a perda de tudo que lhe é conhecido. “Quem não perder a própria vida morrerá” (Mc 8,34-9,1). A revelação da barata é a revelação do mundo e da vida como um todo. “Assim como houve o momento em que vi que a barata é a barata de todas as baratas, assim quero de mim mesma encontrar em mim a mulher de todas as mulheres” (LISPECTOR, 1964, p. 118). G. H. renunciou a tudo, até ao próprio nome. E por isso se encontra em qualquer outro ser

o lado inumano - fui expulsa do paraíso quando me tornei humana. E verdadeira prece é o mudo oratório inumano.”

¹⁰ Lispector, 1964, p. 111: “Mas eu sabia que não era assim que eu deveria fazer. Sabia que teria que comer a massa da barata, mas eu toda comer, e também o meu próprio medo comê-la. Só assim teria o que de repente me pareceu que seria o antipecado: comer a massa da barata é o antipecado, pecado seria a minha pureza fácil.”

humano, em qualquer espaço ou tempo de vida. “E eu também não tenho nome, e este é o meu nome. E porque me despessoalizo a ponto de não ter o meu nome, respondo cada vez que alguém disser: eu” (LISPECTOR, 1964, p. 119).

E surpreendentemente a personagem exclama:

a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo. Paixão de Cristo, paixão de G. H., segundo G. H., segundo Clarice. Eros levou G. H. até agape. G. H. está batizada: “Oh Deus, eu me sentia batizada pelo mundo. Eu botara na boca a matéria de uma barata, e enfim realizara o ato ínfimo (LISPECTOR, 1964, p. 121).

Ato ínfimo, ato kenótico? Pelo ato ínfimo, G. H. chega à plenitude ansiada e desejada. Não compreender, não dominar, não pairar por cima das coisas. Mas descer, mergulhar, sujeitar-se ao ínfimo, ao coração da matéria, mergulhar na descida para encontrar então aquilo que não consegue nomear, mas cujo nome existe e é Mistério inexpugnável. Atraída por Eros, misteriosamente, à beleza invertida daquilo que o vulgo convencionou chamar de feio, encontra agape em amor oblativo, gratuito, adorante. “A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro” (LISPECTOR, 1964, p. 122).

Conclusão: o feminino como hermeneuta de GH (e de Clarice?)

Em *A Paixão segundo G. H.* Clarice situa o leitor diante de um itinerário kenótico de descida ao mais baixo, ao mais ínfimo, ao coração da matéria e à comunhão com essa matéria na contramão de toda e qualquer superficialidade e estética previamente convencionada. O despojamento progressivo e total de G. H. a fará chegar à adoração. E nesse processo entrará a partir de uma sedução e uma atração que não deixa de ser erótica por um ser que está nas fundações da criação e que sobrevive ao caos: uma barata. A pulsão tanática que a faz comungar com a barata comendo sua entranha a fará encontrar a vida, agapicamente, em mansa alegria e integração. É uma G. H. transfigurada,

longe da mulher burguesa, fútil e acostumada ao luxo e ao prazer fácil a que se inclinará em humilde adoração e reverência no final da narrativa.

Uma mulher, G.H., descerá ao quarto de outra mulher a empregada Janair, e nesta descida encontrará a descida definitiva na barata que seduz e cujas entranhas férteis ela introduzirá em sua boca e seu corpo estéril. Sua própria esterilidade e a culpa pelo aborto do filho que nunca nasceu serão seduzidas pela barata que faz com o que o quarto da empregada, nos fundos da casa, não seja seco, mas úmido e cheio de vida. A feminilidade da barata e da empregada Janair, hierofanta que conduziu G. H. até o encontro com a barata e à comunhão com a mesma, devolvem a G. H. seu ser mulher, sua identidade, sua fertilidade enfim. G. H. finalmente experimentará o amor, sentindo-se “imunda de alegria” (LISPECTOR, 1964, p. 50).

Em seu livro *Paixão segundo G. H.*, Clarice Lispector descreve o itinerário de uma mulher ao encontro de si mesma, do sentido da vida e da transcendência. Nesse caminho sem volta, ela terá como mediadoras duas fêmeas, uma humana, Janair, a empregada em cujo quarto acontece a epifania. A outra, que é animal, a barata que representa todos os seres vivos a partir da fêmea que apresenta uma incrível sedução, rara, com cílios longos e em cujas entranhas G. H. vai culminar seu percurso kenótico e místico.

O feminino é aí o grande hermeneuta que permitirá a G. H. interpretar sua vida e por que não, a vida humana como um todo. A leitura teológica cristã que procuramos fazer neste texto nos assinala que uma hermenêutica do feminino, ou melhor uma hermenêutica que se faça a partir do feminino pode ajudar o ser humano a encontrar sua identidade e igualmente a abrir-se à relacionalidade que constitui essa mesma identidade.

Referências

CASTELLO, J. *Introdução à edição digitalizada de A paixão segundo GH*. Ago. 2010. Disponível em: <http://catracalivre.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2010/08/apaixaosegundogh.pdf>. Acesso em: 29 set. 2012.

LISPECTOR, C. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964.

NUNES, B. (coord.). *A paixão segundo G.H. Ed. Crítica*. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle; Brasília, DF: CNPQ, 1988. (Col. Arquivos, v. 13). p. 24-33.

NUNES, B. *O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989. p. 58-76.

NUNES, B. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: NUNES, B. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 93-139.

OLIVEIRA, C. M. *Por um Deus que seja noite, abismo e deserto: considerações sobre a linguagem apofática*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. (Mimeo).

OTTO, R. *Lo santo*. Madrid: Alianza Editorial, 1980.

PESSANHA, J. A. Clarice Lispector: O Itinerário da Paixão. *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 181-198, 1989.

VON BALTHASAR, H. U. «El misterio pascal». In: FEINER, J. (ed.). *Magnus Löhner, Misterium Salutis*. Manual de Teología como História de la Salvación. vol. III. Crisandad: Madrid, 1980. p. 739-740.

RECEBIDO: 15/11/2020
APROVADO: 12/03/2021

RECEIVED: 11/15/2020
APPROVED: 03/12/2021